



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**JOSIMERI DE OLIVEIRA FARIAS SANTANA**

**O Ensino Religioso na Escola Pública: uma valorização da experiência religiosa**

**RIO DE JANEIRO**

**2018**

JOSIMERI DE OLIVEIRA FARIAS SANTANA

**O Ensino Religioso na Escola Pública: uma valorização da experiência religiosa**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ como requisito parcial para a obtenção do Diploma de Graduação.

Orientador: Prof. Dr. Reuber Gerbassi Scofano

Rio de Janeiro

2018

JOSIMERI DE OLIVEIRA FARIAS SANTANA

**O Ensino Religioso na Escola Pública: uma valorização da experiência religiosa**

Monografia apresentada à banca examinadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ/Faculdade de Educação, para a obtenção do título de Pedagoga.

Orientador: Prof. Dr. Reuber Gerbassi Scofano

Conceito/nota: \_\_\_\_\_ aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Reuber Gerbassi Scofano  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Cristiana Carneiro  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Elaine Constant  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dedico esta Monografia a Deus, meu alicerce e força para superar as dificuldades, e a minha família que sempre me incentivou e apoiou nos estudos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar por ter me dado vida e inteligência, força e persistência, para ingressar na faculdade e permanecer nela. Muitas foram as dificuldades no caminho, superadas graças ao auxílio divino.

Aos meus pais eu agradeço infinitamente, pois eles, que quase não estudaram, nunca mediram esforços para que eu pudesse chegar até aqui. Meu pai Valfrides, que trabalhava quase que dia e noite para que nunca nos faltasse nada e de maneira especial a minha mãe querida Fátima, que hoje nos braços do Pai Celeste, vê e me abraça de longe por este sonho realizado. É por ti, mãe, e para ti!

A minha irmã Kátia, agradeço por seu exemplo de determinação e foco nos estudos.

A meu amado esposo Robson, que desde o namoro sempre me incentivou, apoiou e compreendeu, com muita paciência, e também me dando exemplo de persistência nos estudos.

A todos os meus familiares e inúmeros amigos, que graças a Deus são muitos, que com tanto amor me animaram durante este percurso. Agradeço de maneira especial às irmãs da Congregação “Siervas del Plan de Dios”, que com sua formação me ofereceram bases sólidas para enfrentar os desafios da Universidade.

Aos meus colegas de Faculdade, que se tornaram meus amigos, que percorreram comigo essa trajetória, superando juntos os obstáculos e nos alegrando também juntos nas conquistas de cada dia.

A todos os meus professores, de todos os momentos da minha trajetória escolar, fundamentais para forjar a minha escolha e o meu caminho acadêmico. Em especial quero agradecer a meu orientador Reuber, que desde seu exemplo em sala de aula me ajudou a compreender qual seria meu papel no futuro, como professora, e com muita paciência me ajudou a concluir este desafio com este trabalho. E as professora Cristiana Carneiro e Elaine Constant, que acolheram com muita disponibilidade esta proposta, colaborando para o sucesso deste trabalho.

Agradeço também a Professora Heloise Cabral Santana Lopez, que colaborou diretamente com este trabalho através do seu depoimento sobre o Ensino Religioso no Município do Rio de Janeiro.

*“A religião está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir. O estudo da religião, portanto, longe de ser uma janela que se abre apenas para panoramas externos, é como um espelho em que nos vemos. Aqui a ciência da religião é também ciência de nós mesmos: sapiência, conhecimento saboroso.”*

*(Rubem Alves)*

## RESUMO

Esta monografia teve como tema principal a realidade do Ensino Religioso na Escola Pública, buscando salientar a importância desta disciplina para o currículo escolar, além de refletir em propostas metodológicas para os professores desta área. Para tanto, foi realizado um trabalho de cunho bibliográfico com base em dois autores que tratam a temática religiosa no âmbito da educação: Luigi Giussani e Rubem Alves. Além disso, a fim de contextualizar a situação do Ensino Religioso no Brasil, algumas leis relacionadas ao tema foram analisadas brevemente, assim como a mais nova iniciativa do Governo com respeito à educação no país, a Base Nacional Comum Curricular. Uma professora de Ensino Religioso no Município do Rio de Janeiro também foi consultada, com a finalidade de se obter mais elementos sobre a atual situação do Ensino Religioso na escola pública deste município. Todas estas informações deixaram em evidência que Ensino Religioso é uma disciplina importante para o currículo escolar, pois ajuda na formação de cidadãos comprometidos com a construção de uma sociedade melhor. Porém, a maneira como esta vem sendo aplicada nas escolas está muito distante de levar a cabo este objetivo. Com base nos autores estudados, foi elaborada uma proposta pedagógica para a aplicação da disciplina de Ensino Religioso na escola pública, sem que se perca sua laicidade, buscando a formação integral do estudante e um melhor preparo dos professores desta área.

**Palavras-chave:** Ensino Religioso, Escola Pública, Luigi Giussani; Rubem Alves.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 – O Ensino Religioso na Legislação Brasileira .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 2 – A realidade do Ensino Religioso na Educação Básica da Escola Pública brasileira .....</b>	<b>15</b>
2.1 - A Realidade do Ensino Religioso nas escolas do Município do Rio de Janeiro .....	16
<b>CAPÍTULO 3 – Contribuições de Giussani e Alves para uma proposta de Ensino Religioso na Escola Pública .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 - O sentido da religião em Luigi Giussani .....</b>	<b>18</b>
3.1.1 - Breve biografia de Luigi Giussani .....	18
3.1.2 - O sentido da religião em Luigi Giussani .....	19
<b>3.2 - O sentido da religião em Rubem Alves .....</b>	<b>23</b>
3.2.1 - Breve biografia de Rubem Alves .....	23
3.2.2 - O sentido da religião em Rubem Alves .....	27
<b>3.3 Contribuições de Giussani e Alves para uma proposta de Ensino Religioso na Escola Pública .....</b>	<b>32</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>39</b>
<b>ANEXO - Depoimento da Professora de Religião do Município do Rio de Janeiro .....</b>	<b>40</b>





## INTRODUÇÃO

Atualmente, continua sendo muito polêmico e discutido o tema do Ensino Religioso na escola pública, através de perguntas como: Seria a escola um lugar apropriado para tratarmos este tema? Muitos acreditam que o Ensino Religioso não deve pertencer ao currículo escolar, cabendo apenas aos pais e às instituições religiosas tratarem desta matéria. Porém, a Base Nacional Comum Curricular, BNCC, homologada em 20 de dezembro de 2017, manteve o Ensino Religioso como área de conhecimento privilegiada para todo o Ensino Fundamental. Esta decisão causou controvérsias, confirmando a atualidade desta temática, que está relacionada ao tema da intolerância religiosa e do preconceito, além de fomentar a discussão sobre como podemos conviver com as diferenças. Muitas vezes, a discussão gira em torno à pertinência deste ensino na escola, se ele deve existir ou não, mas dado que no Brasil ele é uma realidade, meu foco será a maneira como realizar o ensino desta disciplina, algo que me parece pouco discutido.

A BNCC trás uma nova proposta com respeito a este tema, pois a maneira de trabalhar o Ensino Religioso nas escolas públicas tem sido confessional ou interconfessional, mas na Base, podemos observar uma ênfase maior na pluralidade e na interculturalidade, visando assegurar o respeito à diversidade cultural e religiosa, sem proselitismos.

Destaco neste trabalho dois autores que poderão nortear os princípios éticos e educativos que nos ajudarão a esboçar algumas propostas para se alcançar os objetivos da BNCC com respeito ao Ensino Religioso no Brasil, dando sua devida importância como área de conhecimento, já que os fenômenos religiosos são parte integrante do substrato cultural e pessoal da humanidade e visando tratar os conhecimentos religiosos a partir de pressupostos éticos e científicos, sem privilégio de nenhuma crença ou convicção, especialmente na escola pública. Trata-se de Luigi Giussani e Rubem Alves, autores que desenvolveram temáticas importantes que podem servir de sustentação para uma proposta de um Ensino Religioso mais adequado à realidade atual, como veremos ao longo deste trabalho.

## **CAPÍTULO 1 - O Ensino Religioso na Legislação Brasileira**

A Constituição Brasileira de 1988 refere-se inicialmente aos valores culturais e artísticos tanto nacionais como regionais que devem ser assegurados através dos conteúdos escolares. Ora, a Religião faz parte deste acervo cultural, ela é parte constituinte da formação do nosso povo, pois sabemos bem como os indígenas são religiosos e os portugueses fizeram questão de trazer sua religião para ser transmitida aqui durante a colonização; o que terminou construindo tradições que são vivas até os dias de hoje por todo o Brasil. Os feriados, as festas e celebrações culturais geram, na maioria das vezes, em torno a elementos religiosos que mesclam tradições trazidas pelos portugueses com as dos povos africanos e indígenas. Sendo assim, me parece oportuno que a Constituição queira preservar todo este acervo cultural e colaborar para que seja melhor compreendido pelas novas gerações. É por esta razão que o Ensino Religioso precisa ser mantido, mas sendo aplicado de uma maneira que realmente possa atender a este objetivo. Além disso, estão os valores, que são fortemente trabalhados por essas religiões que constituem o legado cultural do nosso país e são por elas favorecidos. Desta maneira, o Ensino Religioso é muitas vezes uma porta de entrada para estes conceitos na vida das crianças e adolescentes que vivem imersos numa crise de valores na própria família, que deveria ser a primeira instância desse suporte, mas que a escola está sendo chamada a cumprir com este papel. São muitos os testemunhos e relatos de pessoas mais velhas, que passaram pelo Ensino Religioso na escola, sobre o aporte positivo desta disciplina para sua formação como pessoa e como cidadão. Esta crise de valores fomenta muitas vezes a violência, a corrupção, o desejo de ganhar a vida fácil, além de outros fatores que acabam levando nossa sociedade a uma queda moral sem precedentes, que como já temos visto pela atual situação de crise do nosso país, acarreta problemas graves que não permitem o desenvolvimento e muito menos o crescimento da nossa nação.

Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais. § 1º O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental. (Constituição Federal do Brasil de 1988. Art. 210.)

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação de 1996 (LDB) indica a matrícula facultativa nesta disciplina, o que a meu ver garante o papel da laicidade do Estado, pois os

alunos não estão obrigados a cursá-la. O grande problema é a falta de alternativas educacionais de valor para os alunos que não se matriculam no Ensino Religioso. Mas este seria um problema organizacional, de vontade política de fazer valer o que está escrito na nossa Carta Magna e na LDB. À Constituição lhe falta exigir o cumprimento desta recomendação indicando alternativas específicas e punições claras para o caso do seu não cumprimento de maneira efetiva. Vejamos na íntegra o que diz o artigo 33 da LDB:

O ensino religioso, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, sendo oferecido, sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as preferências manifestadas pelos alunos ou por seus responsáveis, em caráter: I – confessional, de acordo com a opção religiosa do aluno ou do responsável, ministrado por professores ou orientadores religiosos preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas; ou II – interconfessional, resultante de acordo entre as diversas entidades religiosas, que se responsabilizarão pela elaboração do respectivo programa.

Reafirmando, como vimos, o direito e a necessidade do Ensino Religioso nas escolas, a LDB especifica duas maneiras possíveis para a sua aplicação: confessional ou interconfessional. Além disso, a lei especifica também a liberdade de escolha dos pais em relação ao caráter de aplicação desta disciplina, mas na prática nos é conhecido que a realidade é outra: Os pais não possuem muito direito de escolher, pois a maioria das escolas oferece o Ensino Religioso apenas de caráter confessional, então resta apenas à opção de matricular ou não o filho nesta disciplina, o que termina sendo outro problema, pois não há alternativas educacionais adequadas para os alunos que não cursam Ensino Religioso, então os pais terminam por matricular seus filhos, a fim de que eles não fiquem “à toa” na escola durante este tempo.

A BNCC deixa claro seu interesse em promover uma educação plural e integral, que seja capaz de abranger todas as esferas da vida humana, sendo uma delas e muito importante a esfera religiosa, de busca de sentido da vida, de realização, de aplicação de valores imutáveis como o respeito à vida, o direito a liberdade, entre outros. Esta necessidade será mais aprofundada no capítulo em que será exposto o pensamento de Luigi Giussani com respeito ao papel da experiência religiosa em nossas vidas, mas deixamos aqui o que sugere a BNCC com respeito a isso na página 14 do documento:

Nesse contexto, a BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a educação. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à

formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades.

A BNCC nos alerta também sobre a importância de fornecer um espaço para a experiência religiosa na formação do cidadão, cuidando para que não se caia em proselitismos e educando para o respeito à diversidade. É muito comum, infelizmente, presenciarmos nos dias de hoje situações graves de atentados violentos contra manifestações religiosas. O que nos leva a crer que apesar de tantos avanços pedagógicos, científicos, educacionais e tecnológicos que são trazidos para a sala de aula, ainda persistem atitudes não condizentes com uma realidade de crescimento cultural e social, mas o contrário. É por esta razão que sou levada a dizer que não basta todo esse aparato nas escolas que dão prevalência a aspectos cognitivos, precisamos ir mais fundo na formação de nossos estudantes, levando-os à reflexão, ao diálogo e ao sentimento.

A Constituição Federal de 1988 (artigo 210) e a LDB nº 9.394/1996 (artigo 33, alterado pela Lei nº 9.475/1997) estabeleceram os princípios e os fundamentos que devem alicerçar epistemologias e pedagogias do Ensino Religioso, cuja função educacional, enquanto parte integrante da formação básica do cidadão, é assegurar o respeito à diversidade cultural religiosa, sem proselitismos. (BNCC p. 433)

A experiência religiosa pode e deve ser um âmbito favorável para isto, exatamente porque, como explicita a própria BNCC na página 435:

O Ensino Religioso busca construir, por meio do estudo dos conhecimentos religiosos e das filosofias de vida, atitudes de reconhecimento e respeito às alteridades. Trata-se de um espaço de aprendizagens, experiências pedagógicas, intercâmbios e diálogos permanentes, que visam o acolhimento das identidades culturais, religiosas ou não, na perspectiva da interculturalidade, direitos humanos e cultura da paz. Tais finalidades se articulam aos elementos da formação integral dos estudantes, na medida em que fomentam a aprendizagem da convivência democrática e cidadã, princípio básico à vida em sociedade.

Buscando uma formação integral do cidadão, que é constituído por duas grandes dimensões, a material e a transcendente, a BNCC corrobora o desejo de que esta disciplina permaneça no currículo escolar, sua importância e necessidade. Não podemos negar uma experiência completa na educação de nossos alunos, se realmente nosso objetivo é uma sociedade melhor, que será constituída por eles e através deles. Sobre este ponto lemos na página 436 da BNCC que:

O ser humano se constrói a partir de um conjunto de relações tecidas em determinado contexto histórico-social, em um movimento ininterrupto de apropriação e produção cultural. Nesse processo, o sujeito se constitui enquanto ser de imanência (dimensão concreta, biológica) e de transcendência (dimensão subjetiva, simbólica).

## **CAPÍTULO 2 - A realidade do Ensino Religioso na Educação Básica da Escola Pública brasileira**

Algumas atitudes bastante atuais do nosso governo explicitam e regulamentam a realidade do Ensino Religioso nas nossas escolas. Mesmo com a indicação de um ensino plural, interconfessional, como vimos em nossa legislação, este vem sendo aplicado em muitos estados de uma maneira confessional. Talvez para evitar maiores controvérsias sobre este ponto com relação à BNCC que manteve o Ensino Religioso no currículo escolar, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu garantir a possibilidade de uma educação confessional, como vemos abaixo em um trecho de uma reportagem da Agência Brasil:

O plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu hoje (27), por 6 votos a 5, que o ensino religioso nas escolas públicas pode ter natureza confessional, isto é, que as aulas podem seguir os ensinamentos de uma religião específica.<sup>1</sup>

Aqui entramos em uma questão política que não está dentro do objetivo deste trabalho. Gostaria apenas de mostrar como o Ensino Religioso tem sido aplicado nas nossas escolas, de uma maneira que muitas vezes não parece ser a ideal e não responde ao disposto em lei, para que possamos continuar refletindo sobre sua importância para o currículo dos nossos estudantes e a necessidade de buscarmos alternativas para modificar a maneira como esta disciplina vem sendo ministrada.

A fim de confirmar o que foi dito anteriormente sobre a maneira como o Ensino Religioso vem sendo aplicado no Brasil, destaco um trecho de uma reportagem do Jornal El País na Internet:

Em alguns Estados, como o Rio de Janeiro, Acre ou Ceará, o ensino religioso confessional nas escolas públicas é garantido por lei. Em outros, a matrícula da matéria é automática e cabe ao aluno cancelá-la. E, em muitas escolas, como foi apontado diversas vezes durante o julgamento, as crianças podem ser expostas a constrangimento ao se negarem a entrar na aula de religião, muitas vezes porque sequer há alternativas curriculares para quem se recusar.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup><<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-09/supremo-autoriza-ensino-religioso-confessional-nas-escolas-publicas>>. Acesso em 17 JAN 2018.

<sup>2</sup><[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/31/politica/1504132332\\_350482.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/31/politica/1504132332_350482.html)>. Acesso em 17 JAN 2018.

No âmbito da Igreja Católica, que historicamente é a entidade que vem dominando o Ensino Religioso no país, a proposta continua sendo a de um ensino confessional. Ao qual eu não sou contra, desde que haja alternativas para os estudantes de outras religiões. Parece-me que a fala do advogado da CNBB exposta abaixo, é mais condizente com as escolas confessionais católicas e não com a escola pública. No caso da escola pública, acredito que precisamos ser mais flexíveis nos dias de hoje, em que é crescente o número de novas manifestações religiosas em nosso país. Para um ensino realmente integral, a escola precisa também desse espaço de formação na fé escolhida pelos estudantes ou por seus pais, para uma formação para o bem comum e para a construção de uma sociedade mais humana.

O advogado da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Fernando Neves, também se manifestou a favor do ensino religioso confessional. “O ensino religioso não é o ensino de religiões, não é história, não é filosofia. Essas matérias já são obrigatórias. É obrigação do Estado abrir um espaço na grade curricular para que quem quiser se aprofundar na sua fé possa fazê-lo. Ensino religioso não é catequese, não é proselitismo, é o aprofundamento no ensinamento da fé escolhida”, disse o letrado.<sup>3</sup>

## **2.1. A Realidade do Ensino Religioso nas escolas do Município do Rio de Janeiro**

Realizarei aqui um breve relato de algumas informações que obtive de uma professora de Ensino Religioso da Rede Municipal do Rio de Janeiro. Acredito que estas informações ajudarão a ilustrar o panorama que temos diante de nós e os desafios para uma implementação coerente desta disciplina com a proposta da BNCC e com um ensino de qualidade.

De acordo com esta professora que atua na disciplina de Ensino Religioso desde o ano 2012, a matrícula dos alunos é facultativa. Sendo esta disciplina oferecida apenas para os 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, com duração de um tempo de aula por semana.

O ensino é confessional e, na teoria, segundo a professora, são oferecidos três credos: Católico, Cristão Protestante e Afro-Brasileiro. A professora afirmou ainda que trabalha em duas escolas e que em ambas, ela, que é do credo Católico é a única professora de Ensino Religioso.

---

<sup>3</sup><[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/31/politica/1504132332\\_350482.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/31/politica/1504132332_350482.html)>. Acesso em 17 JAN 2018.



A professora informou que na época de sua contratação participou de reuniões regulares promovidas pela SEEDUC onde elaboraram o Currículo Mínimo do Ensino Religioso, que deveria abranger os três credos antes mencionados. Não há uma catequese, segundo ela, o ensino é sempre voltado para a formação de pessoas melhores no mundo em que vivemos, tendo como base a Bíblia, os documentos da Igreja Católica e toda a sua tradição. Mas o ensino é confessional, ela é professora de Ensino Religioso Católico, então, não há diferença na classe. Todos participam da mesma forma, mesmo não sendo católicos. Não há provas nem notas. E como a disciplina é facultativa, nem aparece no boletim do aluno. Ela disse ainda que em média, metade da turma participa das aulas (cerca de 15 a 18 alunos), a outra metade permanece com a professora regente aprendendo sobre cidadania. Atualmente a professora conta com uma sala específica para as aulas de religião, mas antes suas aulas eram realizadas em diferentes ambientes, como pátio, refeitório, auditório, etc. A professora utiliza em sua metodologia de ensino atividades como dinâmicas, músicas e trabalhos lúdicos para atrair o interesse dos alunos.

A professora acredita que deveriam ser oferecidos os três credos em todas as escolas municipais. O fato de não ser assim dificultou muito seu trabalho, segundo ela, tanto em relação aos alunos que são de outras religiões como em relação aos professores de outras disciplinas, contrários a permanência desta disciplina no currículo escolar.

Como podemos observar a partir deste relato, existe um desafio diante de nós que deverá ser enfrentado daqui para frente por aqueles profissionais que tenham o desejo de fazer valer as leis e o que pedagogicamente é melhor para nossa comunidade educativa como um todo. Os desafios são também políticos e ideológicos, mas cabe a cada um, em seu espaço, procurar realizar da melhor maneira possível o seu papel como educador.

## **CAPÍTULO 3 – Contribuições de Giussani e Alves para uma proposta de Ensino Religioso na escola pública**

### **3.1 O sentido da religião em Luigi Giussani**

#### **3.1.1 Breve biografia de Luigi Giussani<sup>4</sup>**

No dia 15 de outubro de 1922 nasceu em Desio (um vilarejo localizado ao norte de Milão na Itália) Luigi Giovanni Giussani, filho de Angelina Gelosa, operária da indústria têxtil e católica fervorosa e Beniamino Giussani, entalhador e restaurador, simpatizante do socialismo. Frequentou a escola básica entre os anos de 1928 e 1933 no mesmo local. Os anos seguintes de sua escolarização foram realizados nos Seminários de San Pietro Martire, de Seveso e Venegono, respectivamente. Neste último também cursou os quatro anos de Teologia, entre 1941 e 1945. Sempre destacando-se por suas excelentes notas, recebeu o bacharelado no dia 4 de novembro de 1943 e foi ordenado sacerdote da Igreja Católica no dia 26 de maio de 1945, um mês depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Depois de sua ordenação sacerdotal, permaneceu no seminário para continuar seus estudos e se tornar professor. Entre outros temas, especializou-se no aprofundamento da motivação racional da adesão à fé e à Igreja.

Depois de licenciar-se em Teologia, começou a ensinar no Seminário Menor de Seveso. Recebeu o doutorado com nota máxima em 1954 (*magna cum laude*), com o tema “**O senso cristão do homem segundo Reinhold Niebuhr**” e logo começou a ensinar religião no Liceu Clássico Berchet, em Milão (um colégio de Ensino Médio). Dom Giussani, como ficou conhecido, trabalhou animado pelo “desejo de propor a experiência cristã no ambiente escolar” respondendo às perguntas dos jovens que viviam num contexto de hostilidade contra a fé e a Igreja Católica. O conteúdo de suas aulas costumava tratar os seguintes temas: o senso religioso e a razoabilidade da fé; a hipótese e a realidade da Revelação; a pedagogia de Cristo no revelar-se; a natureza da Igreja. Estes temas se tornaram parte fundamental do seu campo

---

<sup>4</sup> Esta biografia foi feita com base na página do movimento católico Comunhão e Libertação, cujo fundador foi Dom Giussani. Disponível em: <https://portugues.clonline.org/dom-giussani>.

de investigação. Foi assim, que em 1954 deu início a um movimento de jovens católicos que veio a se chamar Comunhão e Libertação, presente hoje em 90 países.

Dom Giussani ensinou Introdução à Teologia na Universidade Católica do Sagrado Coração, em Milão, entre os anos de 1964 e 1990, quando deixou de ensinar devido à idade. Mas no ano de 1987 foi nomeado Consultor do Pontifício Conselho para os Leigos, órgão da Santa Sé, e por esta razão pode participar do Sínodo para os Bispos. No ano de 1994 foi nomeado Consultor da Congregação para o Clero, também um órgão da Santa Sé.

Dom Giussani era um homem de atitude ecumênica e inter-religiosa, estreitando laços de amizade, por exemplo, com um dos líderes do budismo japonês, o professor Shodo Habukawa. Em 1995, participou de um encontro com o filósofo francês Jean Guitton, na Universidade Complutense de Madri. Neste ano, Giussani recebeu o Prêmio Internacional Cultura Católica e Bassano Del Grappa e começou seus trabalhos em jornais italianos, escrevendo artigos para o “Il Giornale”, “La Repubblica” e “Corriere della Sera”. Em 1996 publicou também no jornal do Vaticano “Observatório Romano”. Além disso, publicou numerosos ensaios e diversos livros que foram traduzidos para várias línguas. Podemos citar alguns deles, de acordo com sua edição em Português: O Senso de Deus e o Homem Moderno (1997), Por que a Igreja (2004), Educar é um Risco (2006), O Sentido Religioso (2009), Na Origem da Pretensão Cristã (2012).

Dom Giussani morreu no dia 22 de fevereiro de 2005, em Milão. Atualmente segue no Vaticano sua causa de beatificação e canonização.

### **3.1.2 O sentido da religião em Luigi Giussani**

Luigi Giussani reuniu em três livros de uma coleção que denominou de Percorso o conteúdo dos cursos de Religião que ditou por mais de quarenta anos na Itália, tanto na Educação Básica, como no Ensino Superior. “El Sentido Religioso” é o primeiro desses livros, que trata de iluminar o caráter racional da fé, escrito como resultado de sua experiência educacional com os jovens. Além disso, o autor quer mostrar como surgiu o problema do cristianismo também de uma maneira histórica, afirmando que Deus, ao se revelar na história humana, vem responder a uma exigência do homem. Giussani também afirmará que este

sentido religioso é uma interrogação que faz parte inerente de todo ser humano, de todos os tempos e de todas as culturas, pois se refere ao sentido da vida (2008, p.19):

El interrogante del sentido religioso –como veremos- es: “¿Qué sentido tiene todo?”; debemos reconocer que se trata de un dato que se manifiesta en el comportamiento del hombre de todos los tiempos y que tiende a afectar a toda la actividad humana.

Toda pessoa nasce em uma família específica, convive com determinados amigos, frequenta certos lugares, assiste televisão, lê jornal, etc... Tudo isso vai como que impregnando a pessoa de ideias pré-concebidas, conceitos, imagens, e valores que a levam a julgar as coisas e a realidade desde certo ponto de vista. Trata-se de algo inevitável. Por isso, o que se tem a fazer para conhecer a verdade é renunciar a estas ideias pré-concebidas e por a atenção no que a realidade nos apresenta, como nos diz Giussani (2008, p.. 54):

Está claro que amar mas la verdad que la idea que nos hemos hecho de ella quiere decir estar libres de prejuicios Pero “carecer de prejuicios” es una frase equívoca, porque la ausencia de ideas preconcebidas, en el sentido liberal de la palabra, es imposible.

É assim que o autor chega à conclusão de que o problema para se chegar à verdade está na falta de atenção, pois o ser humano foi feito para alcançá-la, e é a verdade que nos torna realmente livres e felizes, como explica a seguir (2008, p. 57):

Nosotros estamos hechos para la verdad, entendiendo por verdad la correspondencia entre conciencia y realidad, que es, como hemos visto, la naturaleza del dinamismo racional. No será inútil volver a decir que el verdadero problema que tenemos para buscar la verdad de los significados últimos de la vida no reside en la necesidad de una inteligencia particular, de un esfuerzo especial o de unos medios excepcionales que habría que usar para alcanzarla. La verdad última es como encontrar una cosa bella en nuestro camino: se la ve y se la reconoce, si se está atento. El problema, por tanto, es de atención.

O autor concorda com o conceito de verdade de Santo Tomás de Aquino, que a define como a correspondência entre consciência e realidade, como dito acima. O ponto de partida para a compreensão da experiência religiosa somos nós mesmos, pois esta experiência se dá em cada um e por cada um. Ao refletir sobre nossa própria experiência encontraremos dois tipos de realidades que não poderemos negar: a material e a espiritual. Também não é possível, segundo Giussani, reduzir uma realidade na outra, pois ambas são distintas e

verdadeiras. O mundo atual tenta reduzir o ser humano a sua realidade material, buscando secularizá-lo ao máximo, como se a parte espiritual não existisse. Esta é deixada de lado na maioria das vezes, conforme Giussani (2008, p. 66) explica:

La observación que el sujeto hace de sí mismo en acción le revela, pues, que su yo está formado por dos realidades distintas: intentar reducir la una a la otra sería negar la evidencia de la experiencia, que muestra que son diferentes. Podríamos llamar a estas dos realidades con características mutuamente irreductibles entre sí de muchas maneras; se las ha llamado materia y espíritu, cuerpo y alma. Lo que es importante es tener bien clara la imposibilidad de reducir la una a la otra.

A religião e a fé são importantes componentes da identidade humana, circunscritas no íntimo de cada pessoa e por isso indispensáveis para seu desenvolvimento pleno e integral. Esse valor religioso é capaz de unificar passado, presente e futuro, como explica o autor (Giussani, 2008, p. 61):

En efecto, el valor religioso unifica pasado, presente y futuro, y, cuando es auténtico, es profundamente amigo de apreciar todo matiz del pasado, al igual que predispone a asumir cualquier riesgo ante el futuro, y en el presente es indómito, insomne y vigilante, según la expresión del Evangelio.

Esta expressão do Evangelho que cita o autor se refere às palavras sobre a volta do Filho do Homem no Juízo Final, onde diz: *“Vigiai, pois, em todo o tempo e orai, a fim de que vos torneis dignos de escapar a todos estes males que não de acontecer, e de vos apresentar de pé diante do Filho do homem”*<sup>5</sup>. O fator religioso é de suma importância para o ser humano, pois o prepara para viver o futuro, sabendo utilizar-se bem do passado e ter uma atitude vital no presente. Além disso, a experiência religiosa expressa as perguntas fundamentais que todo ser humano se faz ao longo de sua vida, como Giussani o diz (2008, p. 71):

El factor religioso representa la naturaleza de nuestro yo en cuanto se expresa en ciertas preguntas: “¿Cuál es el significado último de la existencia?”, “¿Por qué existe el dolor, la muerte?”, “¿Por qué vale la pena realmente vivir?”. O, desde otro punto de vista: “¿De qué y para qué está hecha la realidad?”. El sentido religioso está situado, pues, dentro de la realidad de nuestro yo, al nivel de estas preguntas: coincide con ese compromiso radical con la vida de nuestro yo, que se manifiesta en esas preguntas.

---

<sup>5</sup> Evangelho de São Lucas, capítulo 21, versículo 36.

É por isso que este sentido religioso não pode ser negado, toda pessoa em algum momento de sua vida se faz perguntas como as descritas pelo autor, perguntas profundas que não podem ser facilmente explicadas e que muitas vezes não conseguem ser respondidas. Por isso estas perguntas refletem algo que está além do visível, do mensurável, do palpável. Refletem algo que está num nível superior da existência humana que não é facilmente alcançado pelo eu, que com certeza denota uma experiência espiritual do ser humano, que vai ser explicada apenas pelo sentido religioso da existência.

Sendo o sentido religioso tão próprio da existência humana, como negá-lo? Como não contemplá-lo na experiência escolar e educacional que acompanha o homem desde a mais tenra idade e que o ajuda a encontrar respostas a tantas questões que rodeiam sua existência? Como podemos negar esta experiência tão rica a nossos educandos?

Qualquer relação humana que pretenda ser autêntica e integral deverá contemplar esta realidade do ser humano. Não podemos nos esquecer dessa dimensão no âmbito escolar, onde a pessoa passa tanto tempo de sua vida e constrói relações tão profundas de amizade, de companheirismo e de amor. Se desejarmos realmente que a escola seja mais que um depósito de crianças ou adolescentes e transmissora de conteúdos que muitas vezes não são utilizados na vida prática, precisamos priorizar o aspecto religioso na experiência educacional. Até porque, como diz Giussani “*el sentido religioso es la capacidad que tiene la razón de expresar su naturaleza profunda en un interrogante último; es el ‘locus’ de la conciencia que el hombre tiene de su existencia.*” (2008, p. 85) e, além disso, somente a afirmação do mistério como realidade que existe acima da nossa capacidade de reconhecimento corresponde à estrutura original do homem.

Quando não admitimos a existência de uma resposta adequada aos mais profundos interrogantes do ser humano, estamos suprimindo essas perguntas, mas sabemos bem que isso é impossível, pois a experiência não pode ser negada e ela nos revela claramente que essas perguntas existem no mais profundo do nosso ser e se manifestam nos mais diferentes tipos de busca durante toda nossa vida e muitas vezes na escola, pois ali temos a oportunidade de encontrar pensamentos novos e diferentes aos nossos ou aos que estamos acostumados a ouvir no ambiente familiar, que suscitam questões de fundo que precisam de uma tenção especial para não levar a pessoa à uma solidão ou até mesmo à frustração.

Este ponto do perigo da solidão é muito importante porque a comunidade é um âmbito e uma dimensão fundamental para que a semente da humanidade de seu fruto na pessoa, ou seja, para que ela possa empreender a busca de sentido de sua vida e a sua felicidade plena. Porém o mundo moderno procura impedir a qualquer custo a expressão comunitária do fenômeno religioso o que enfraquece o homem nessa busca e nesse empreendimento de ser uma pessoa melhor e mais feliz. A experiência religiosa precisa passar pelo contato com os outros, seja para dialogar, para cultuar, para celebrar ou para refletir. A escola, como veremos mais adiante pode e deve ser um âmbito propício para a realização desta experiência, que não deve ser confinada a vida íntima da pessoa, como desejam alguns. Por esta razão, Giussani afirma que (2008, p. 189):

Para el Estado moderno, el hombre puede creer en todo lo que quiera –es asunto de su conciencia-, pero sólo si esta fe no implica como contenido suyo que todos los creyentes sean una sola cosa y que, por eso, tengan derecho a vivir y expresar esta realidad. Impedir la expresión comunitaria es como cortar de raíz el alimento de la planta; la planta morirá poco después.

## **3.2 O sentido da religião em Rubem Alves**

### **3.2.1 Breve biografia de Rubem Alves**

De acordo com o biógrafo Gonçalo Junior, de quem resgatei as informações aqui descritas, Rubem Alves teve uma vida extraordinária, marcada por um amor incondicional pela vida e pelo próximo. Filho de pais comerciantes, Rubem Azevedo Alves nasceu no dia 15 de setembro de 1933, em casa, na cidade de Boa Esperança, em Minas Gerais, sendo o caçula de quatro filhos homens do casal Herodiano Alves do Espírito Santo e Carmen Sílvia de Azevedo. Sua família tinha perdido tudo e ficado muito pobre quando ele nasceu. Rubem estudou numa escola presbiteriana a molde de internato, graças à ajuda de um pastor.

Em 1943 Rubem descobriu uma doença no fígado. Nesta mesma época, ganhou um quebra-cabeça e ficou fascinado por este jogo. Era um menino muito falante e que adorava livros. O melhor lugar da casa para Rubem era a cozinha, onde todos se reuniam para as refeições e onde havia o fogão a lenha que aquecia em tempos de frio.

Em 1945 a família se mudou para o Rio de Janeiro, na época, capital do Brasil. Foi matriculado no colégio Andrews, considerado um dos melhores da cidade, graças à ajuda da

igreja. Neste colégio sofreu discriminação e bullying por ser pobre e por ser do interior, por sua forma de falar, o que lhe fez isolar-se dos demais.

A vida de Rubem não foi fácil. Ele queria ser médico, se preparou para o vestibular enquanto terminava o Ensino Médio e ainda fazia o serviço militar ao mesmo tempo. Além disso, frequentava os cultos da Igreja Presbiteriana as quartas e aos domingos. Graças ao acolhimento que teve na igreja, Rubem começou a se interessar em ser pastor, pois queria mudar o mundo. Mas antes de se tornar pastor, Rubem chegou a cantar no coral da igreja. Ele gostava de participar dela por conta de suas atividades comunitárias, gostava de estar com as pessoas.

Aos dezenove anos Rubem ingressou no Seminário Teológico Presbiteriano para estudar Teologia, foi sempre um aluno muito crítico e concluiu seus estudos em 1957. Durante os dois primeiros anos deste curso, realizou também um curso no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, em São Paulo, chegando ao posto de Segundo-Tenente. Além disso, a fim de obter uma fonte de renda extra, obteve a habilitação para ensinar piano no Conservatório Carlos Gomes, em 1956. No ano de 1958, Rubem Alves foi servir como pastor-assistente em Lavras, Minas Gerais, tornando-se titular menos de um ano depois.

Em 1959 Rubem se casa com Lídia Nopper, filha de alemães de família protestante e conservadora. E já neste mesmo ano os dois tiveram seu primeiro filho, Sérgio. Três anos depois, nascia o segundo filho, chamado Marcos. Para reforçar o orçamento apertado, Rubem começou a ensinar Filosofia no Instituto Presbiteriano Gammon em 1960, para turmas equivalentes ao atual Ensino Médio.

Em 1962 Rubem viajou para os Estados Unidos a fim de realizar um programa ecumênico e seu Mestrado em ética e religião, o qual concluiu em 1964 sob o título “Uma interpretação teológica do significado da revolução no Brasil”. Deste modo, Rubem Alves foi estruturando suas críticas com respeito às questões sociais que não eram atendidas pela igreja. Logo essas críticas foram consideradas como perigosas, como explica Gonçalo Junior (2015, p. 194-195):

Como Rubem escreveu, “tomado” pelas questões sociais e antropológicas, concluiu que analisaria as condições objetivas e concretas dessas mudanças socioeconômicas necessárias e como deveria ser a participação dos cristãos. Enfim, significava que, para o país sair do atraso e de tantas desigualdades, deveria haver a participação das religiões cristãs, principalmente a presbiteriana, da qual fazia parte. Na prática, sua proposta seria vista como uma heresia das mais graves pelo concílio da IPB [Igreja Presbiteriana do Brasil]. Ele, no entanto, não parecia tão preocupado com isso, estimulado



por colegas e professores de vários cantos do mundo que pregavam a socialização do papel das igrejas e seu ecumenismo.

Durante a ditadura militar no Brasil, Rubem Alves foi acusado de subversivo pela IPB, e já insatisfeito com a igreja por seu modo de atuar aliado aos militares, decidiu retirar-se do ministério como pastor. Depois disso, em 1965, se muda para os Estados Unidos com a família para realizar seu doutorado. Na realidade foi uma forma de exílio, pois Rubem estava sendo perseguido pela ditadura por conta de suas idéias liberais e da acusação feita por sua igreja e não tinha como manter a sua família aqui. Sobre esse tempo Rubem escreveu: “Acontece que eu vivia em exílio, aguardando a volta para meu país; e era preciso pensar a vida. A minha dor não me permitia outra coisa. É sempre assim: o pensamento aparece no lugar do sofrimento.” (ALVES, apud JUNIOR, 2015, p. 255)

Escrever sobre seus pensamentos era uma forma de se manter vivo. Este exercício também o ajudava a liberta-se da decepção que vivera em relação à igreja que havia escolhido para dedicar sua vida.

Em 1968 Rubem recebeu seu título de Doutor em Filosofia pela United Presbyterian Church. O conteúdo desta tese se tornou um marco teórico da Teologia da Libertação. No ano seguinte retorna ao Brasil com sua família, mas continua passando por dificuldades pela falta de trabalho e aceitação devido a suas ideias, que “defendiam a reinterpretação analítica e antropológica da fé cristã em relação aos problemas sociais” (JUNIOR, 2015, p. 268)

Rubem voltou aos Estados Unidos em 1971, onde ensinou por um ano como professor-visitante no The Union Theological Seminary. Em 1972 publicou seu segundo livro nos Estados Unidos: Criança do Amanhã – Imaginação, a criatividade e o renascimento da cultura. Rubem defendia nesta obra que “um futuro libertador dependia de categorias que a ciência ocidental desprezara” (JUNIOR, p. 271).

Em 1973, já de volta ao Brasil, Rubem começou a lecionar na Unicamp como professor-adjunto da Faculdade de Educação. No ano seguinte foi nomeado professor titular, tanto no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas quanto na Faculdade de Educação. Além disso, Rubem viajou para a Tailândia e para Genebra neste mesmo ano como palestrante.

No ano de 1975, Rubem lançou o livro O enigma da religião, recorrendo à experiência pessoal para refletir sobre filosofia e teologia, o que se tornou uma de suas marcas como escritor. “Antes de terminar o ano, ocorreu um fato que redimensionaria e mudaria sua vida: o

nascimento de sua filha Raquel” (JUNIOR, p. 274), com lábio leporino e má formação palatal, demandando cuidados especiais.

Rubem contava histórias infantis para a filha que ele mesmo criava com o fim de alegrá-la e levantar sua auto-estima. Essas histórias resultaram em livros infantis como Histórias para pequenos e grandes, dentre muitos outros.

Em 1980 lançou seu primeiro livro sobre educação: *Conversar com quem gosta de ensinar*, mostrando sua posição irreverente e inovadora diante das metodologias tradicionais de ensino:

Logo na Introdução, apontou o riso, o bom humor e a simplicidade como fatores fundamentais no desempenho satisfatório da função do educador [...] No capítulo “Sobre jequitibás e eucaliptos”, ele apresenta a leitura voltada para a ênfase na diferença entre professor e educador. O primeiro seria encarado como profissão, ou seja, não era espontâneo, natural, mas, sim, um indivíduo treinado para exercer tal função. O segundo é visto como vocação, fruto de uma virtude que nasce da esperança e do amor em se doar na construção da educação do outro. (JUNIOR, 2015, p. 301)

Vemos através das palavras de seu biógrafo a crítica de Rubem Alves ao pragmatismo da profissão de professor na era moderna, que o tornou um fazedor de resultados estatísticos agradáveis ao sistema dominante.

Anos depois Rubem realizou seu sonho de ser psicanalista, e começou a atender em um consultório particular, onde conheceu uma fã, a fonoaudióloga Thais Couto, que veio a se tornar sua companheira anos mais tarde.

No ano 2000, Rubem foi convidado a Portugal para dar palestras sobre a educação brasileira. Nesta viagem ele conheceu a Escola da Ponte, pela qual ficou encantado. Esse encontro revolucionou ainda mais seus pensamentos sobre a escola. Assim, a educação se tornou o principal tema na obra de Rubem Alves ao longo da primeira década do século XXI.

Rubem Alves escreveu muito, e no final da década de 2000, chegou a cerca de 120 livros publicados, sendo eles teóricos, infantis, filosóficos e de memórias.

Em 2008, Rubem sofreu de depressão, após o término do seu relacionamento com Thaís Couto, bebia e fumava muito também. Ao reatarm no ano seguinte, Rubem se recuperou, até que descobriu um câncer no estômago. Porém no ano 2010 eles voltaram a se separar e desta vez foi definitivo, o que deixou Rubem numa grande solidão e tristeza.

Rubem também lançou áudio-livros, a primeira coleção foi em 2011, contendo suas melhores crônicas, sob o título *Pensamento vivo de Rubem Alves*. Esta iniciativa surgiu a partir de um e-mail que ele recebeu de uma professora cega, que lamentava não ter pleno acesso aos seus livros, sugerindo a transformação de seus textos em áudios.

Rubem foi diagnosticado com Mal de Parkinson em 2012. Foi afastando-se de Deus cada vez mais, até o ponto de duvidar de sua existência, especialmente por não compreender como podia permitir que tantas coisas ruins acontecessem no mundo.

Em maio de 2014 foi aberto oficialmente o Instituto Rubem Alves. No dia 19 de julho deste mesmo ano, depois de uma pneumonia que o levou a passar alguns dias na UTI, Rubem faleceu no hospital, aos 80 anos de idade.

### **3.2.2 O sentido da religião em Rubem Alves**

Em seu livro “O que é Religião”, Rubem Alves busca compreender e explicitar o fenômeno religioso na realidade humana através do estudo de diversos autores como Albert Camus, Rudolf Otto, David Hume, Karl Marx, Feuerbach, Durkheim, entre outros. Ele chega a se perguntar se a religião desapareceu, pois a mesma não é mais aceita em todos os lugares como antes, já que passamos a viver num mundo dessacralizado. Mas logo chega a conclusão de que o que realmente permanece é a experiência religiosa, inerente a realidade humana, como veremos a seguir.

E talvez seja esta a marca de todas as religiões, por mais longínquas que estejam umas das outras: o esforço para pensar a realidade toda a partir da exigência de que a vida faça sentido. (ALVES, 1995, p. 8)

Rubem Alves afirma que o homem é um ser de desejo, e que este é um sintoma da ausência, da falta: “Desejo pertence aos seres que se sentem privados, que não encontram prazer naquilo que o espaço e o tempo presente lhes oferecem.” (p. 20) Sendo assim, o ser humano faz cultura a fim de construir os objetos do seu desejo e aqui surge a religião, como resposta aos desejos mais substanciais do homem.

No mundo moderno a religião foi identificada com o passado, o atraso, com a ignorância, com a Idade das Trevas. Deus foi retirado do mundo, confinado aos céus. Não lhe é permitido intervir nos problemas terrestres, a religião deve cuidar apenas daquilo que se refere ao sobrenatural.

Para Rubem Alves a religião começa através do desejo do homem, desejo de criação, de superação, de encontrar um sentido para a vida e de transcender à realidade, transformando tudo em algo superior. Deste modo, a religião seria fruto da capacidade humana de nomear as coisas e atribuir-lhes um valor que pode ser secundário ou substancial, dependendo da relação que este objeto tenha com seu destino e com as realidades sobrenaturais. O discurso religioso pretende então transformar realidades brutas e vazias em objetos portadores de um sentido sobrenatural. Um exemplo do autor pode nos ajudar a compreender como se realiza essa transformação:

Pão, como qualquer pão, vinho, como qualquer vinho. Poderiam ser usados numa refeição ou orgia: materiais profanos, inteiramente. Dele não sobe nenhum odor sagrado. E as palavras são pronunciadas: “Este é o meu corpo, este é o meu sangue...” – e os objetos visíveis adquirem uma dimensão nova, e passam a ser sinais de realidades invisíveis. (ALVES, 1995, p. 26)

Assim, a religião é formada pelos símbolos que as pessoas utilizam, mas as pessoas são distintas umas das outras, o que faz com que seus mundos sagrados também o sejam. Daí tantas formas diferentes de expressar a religiosidade, dependendo da cultura e da formação de cada homem, grupo, povo ou nação. Para o autor então, a religião é fruto da imaginação, ou melhor, do imaginário, que significa a criatividade humana, capacidade de criação, de dar origem às coisas, sem a qual não haveria novidade nem crescimento, nem cultura. É esta imaginação que tem contribuído com a sobrevivência dos homens.

Para aprofundar na pergunta sobre o que é a religião, Rubem Alves se remonta ao processo histórico da humanidade através do qual recebemos uma herança “simbólico-religiosa”, fazendo uma referência especial ao período denominado como Idade Média. Nesta época, como sabemos tudo girava em torno ao problema da salvação. Para Alves este período é importante para compreendermos melhor o fenômeno religioso:

Porque ali os símbolos do sagrado adquiriram uma densidade, uma concretude e uma onipresença que faziam com que o mundo invisível estivesse mais próximo e fosse mais sentido que as próprias realidades materiais. Nada acontecia que não o fosse pelo poder do sagrado, e todos sabiam que as coisas do tempo estão iluminadas pelo esplendor e pelo terror da eternidade. (ALVES, 1995, p. 40)

Foi especialmente com o advento do utilitarismo que esse período perdeu força e terminou dando lugar a um constante distanciamento da sociedade das realidades

sobrenaturais, buscando-se uma total dicotomia entre o material e o espiritual na Idade Moderna: “Que a religião cuide das realidades espirituais, que das coisas materiais a espada e o dinheiro se encarregam!” (ALVES, 1995, p. 47)

Neste sentido, a religião passou a fazer parte do passado e o discurso religioso foi tomado como enganoso e ilusório, já que era fruto da imaginação e não da experimentação. A religião passou a ser identificada com um período negro da história, de atraso e de ignorância, onde não havia sequer ciência.

No entanto, a experiência nos mostra que a religião não foi abolida por completo da sociedade, ela permanece, cada vez com expressões mais distintas e novas, revelando que parece fazer parte de “um aspecto essencial e permanente da humanidade”.

Que ocorre quando a secularização avança, o utilitarismo se impõe e o sagrado se dissolve? Roubadas daquele centro sagrado que exigia a reverência dos indivíduos para com as normas da vida social, as pessoas perdem os seus pontos de orientação. Sobrevém a anomia. E a sociedade se estilhaça sob a crescente pressão das forças centrífugas do individualismo. Se é possível quebrar as normas, tirar proveito e escapar ileso, que argumento utilitário pode ser invocado para evitar o crime? O sagrado é o centro do mundo, a origem da ordem, a fonte das normas, a garantia da harmonia. (ALVES, 1995, p. 63)

Percebo neste trecho uma consciência da importância do sagrado para a vida das pessoas em geral, pois como ele mesmo diz, o sagrado ordena tudo e a vida em sociedade necessita de ordem para que exista harmonia. Além disso, não é possível imaginar uma sociedade “totalmente profana e secularizada”, pois “onde estiver a sociedade, ali estarão os seus deuses e as experiências sagradas... a religião pode se transformar. Mas nunca desaparecerá.” (ALVES, 1995, p. 66).

Estas afirmações de Rubem Alves são possíveis após seus estudos levá-lo a refletir sobre a inerência da dimensão sagrada à realidade humana, pois como bem podemos perceber através da história, todas as sociedades do mundo sempre mantiveram alguma forma de relação com o sagrado, com o sobrenatural, constituindo assim uma religião ou experiência religiosa. Esta religiosidade busca responder a capacidade simbólica do ser humano, que provém do seu desejo de mais, pois sempre lhe falta alguma coisa. Não é possível negar essa experiência à pessoa humana, pois sem ela o seu desenvolvimento não seria pleno, poderia a meu ver, se tornar como os animais, que não possuem essa experiência interior do desejo e da simbologia.

O mundo secular ao que chegamos foi um mundo utilitário e capitalista, comandado já não pela lógica divina, mas pela lógica do dinheiro. Se antes a preocupação era a salvação, agora a preocupação é o mercado e o lucro. Este deve ser alcançado a qualquer custo. O custo mais evidente inicialmente é a alienação do trabalho humano, que gera ainda mais sofrimento para o homem. Em diálogo com Karl Marx, Rubem Alves explica como a religião é uma criação do homem para compreender e diminuir seu sofrimento:

E é aqui que aparece a religião, em parte para iluminar os cantos escuros do conhecimento. Mas, pobre dela... Ela mesma não vê. Como pretende iluminar? Ilumina com ilusões que consolam os fracos e legitimações que consolidam os fortes. (ALVES, 1995, p. 80)

Esta é uma afirmação forte, que dá a entender que a religião não passa de uma falsa felicidade do povo, uma ilusão. Sem discordar, no entanto, que as pessoas encontram em suas experiências religiosas razões para viver e até mesmo para morrer. Nesta época, Alves ainda acreditava que o discurso religioso possuía algo de sentido. No fundo, para ele a religião é fruto do desejo, dos sonhos, expressando nostalgia e esperança de prazer: “Religiões são ilusões, realizações dos mais velhos, mais fortes e mais urgentes desejos da humanidade.” (ALVES, 1995, p 92) Mas os sonhos contém ao mesmo tempo a verdade do coração e da essência do ser humano, seus anseios mais profundos, sua busca de infinito, de perpetuidade. Por isso não podemos subestimá-los nem denegri-los. Eles são importantes e nos levam a grandes realizações. Estes sonhos indicam projetos profundos que muitas vezes estão escondidos no fundo da alma humana. A religião fala sobre tais projetos e desejos, por isso pode ser comparada a um sonho, segundo Alves, um sonho que transforma a realidade, que a eleva e dignifica. Pois “a linguagem religiosa é um espelho em que se reflete aquilo que mais amamos, nossa própria essência.” (ALVES, 1995, p. 100)

Rubem Alves também se refere ao Deus dos oprimidos, aquele que parece ter sido criado para cuidar das necessidades dos mais necessitados, mas não necessariamente para oferecer uma solução imediata, mas a certeza de uma vida eterna feliz após o sofrimento que passam aqui na terra. Foi por esta razão que Karl Marx classificou a religião como ópio do povo, pois para ele é uma tentativa de retirá-lo da realidade sem luta por melhorias. Rubem Alves discorda, como vemos a seguir:

Se a religião fosse apenas ópio, veríamos o Estado e o poder econômico ao seu lado, protegendo-a como aliada. Mas os mártires têm aparecido: Gandhi, Martin Luther King, Oscar Romero e muitos outros. Líderes religiosos são intimados, perseguidos, ameaçados, expulsos, presos... Isto não aconteceria se fossem aliados do poder. Testemunhos da significação política da religião profética: expressão das dores e das esperanças dos que não têm poder. Ópio do povo? Pode ser, mas não aqui. Em meio a mártires e profetas, Deus é o protesto e o poder dos oprimidos. (ALVES, 1995, p. 113-114)

Até aqui, o autor recorreu por diversas reflexões, algumas contra a religião, que a definiram como ilusória e enganadora especialmente dos pobres e oprimidos e outras a favor, afirmando que o mundo não pode existir sem a religião, pois é justamente através dela que estes mesmos oprimidos constroem sua esperança e vão à luta. Assim ele chega à conclusão de que é possível uma aposta pela religião:

A religião fala sobre o sentido da vida. Ela declara que vale a pena viver. Que é possível ser feliz e sorrir. E o que todas elas propõem é nada mais que uma série de receitas para a felicidade. Aqui se encontra a razão por que as pessoas continuam a ser fascinadas pela religião, a despeito de toda a crítica que lhe faz a ciência. A ciência nos coloca num mundo glacial e mecânico, matematicamente preciso e tecnicamente manipulável, mas vazio de significações humanas e indiferente ao nosso amor. (ALVES, 1995, p. 121)

Neste sentido, a religião é uma necessidade e falar dela no âmbito escolar também. Através do diálogo sobre o transcendente poderemos ampliar o horizonte dos nossos estudantes, levá-los a dimensões que vão além da experiência material e passageira desse mundo, sendo mais fácil assim, formar pessoas capazes de construir uma sociedade melhor para todos.

A figura de Deus foi explicada por Rubem como uma expressão de nossos sentimentos que reflete tudo aquilo que buscamos desde o mais profundo do nosso ser, o sentido da vida, o porquê estamos neste mundo e o para quê: “Nossos sentimentos são expressões da realidade. E é esta realidade, âncora de sentimentos, que recebe o nome de Deus.” (ALVES, 1995, p. 125)

Deus e o sentido da vida são ausências, realidades por que se anseia, dádivas da esperança. De fato, talvez seja esta a grande marca da religião: a esperança. E talvez possamos afirmar, com Ernest Bloch: “onde está a esperança ali também está a religião. (ALVES, 1995, p. 128)

A religião reflete a esperança que se tem em dias melhores, em novas oportunidades. Como querer construir isso em nossos alunos sem tratar esse tema na escola? Como pretender que eles sejam atores de um futuro melhor, sem que eles acreditem que esse futuro seja possível? Através da experiência religiosa, desenvolvida e encarada também na sala de aula será mais fácil trabalhar tudo isso e colaborar na formação de cidadãos conscientes de seu papel neste mundo, que busquem não somente a própria felicidade e realização, mas o bem de toda a sociedade.

### **3.3 Contribuições de Giussani e Alves para uma proposta de Ensino Religioso na escola pública**

Tanto o pensamento de Luigi Giussani como o de Rubem Alves têm muito a aportar para o professor de Ensino Religioso que tenha o desejo de renovar seu trabalho. Pois eles nos revelam uma nova maneira de lidar com o sagrado, como sentido religioso e experiência religiosa.

De acordo com o pensamento de Luigi Giussani podemos apontar dois fatores muito importantes que favorecem uma proposta mais inovadora de Ensino Religioso na escola. O primeiro se trata da constatação de que existe uma experiência religiosa própria do ser humano e inerente a cada pessoa, que não pode ser negada, pois é evidente desde sempre através da história e continua em nossos dias. Já seja pela busca do homem por respostas a perguntas fundamentais e transcendentais, já seja pelas diversas expressões de religiosidade e de contato com o sobrenatural que podemos encontrar nas mais diferentes culturas e realidades. O segundo fator é a necessidade de procurarmos abarcar este sentido religioso de uma maneira integral e não fragmentada e nem relegada à solidão.

La condición para poder sorprender en nosotros la existencia y la naturaleza de ese factor clave, de soporte, decisivo, que es el sentido religioso, es el compromiso con la vida entera, donde debe incluirse todo: amor, estudio, política, dinero, hasta el alimento y el reposo; sin olvidar nada, ni la amistad, ni la esperanza, ni el perdón, ni la rabia, ni la paciencia. En efecto, en cada gesto hay un paso hacia el propio destino. (GIUSSANI, 2008, p. 61)



Neste sentido, a escola é um lugar onde a pessoa também deve ser livre para poder viver e expressar sua experiência religiosa, de encontro com o sagrado, de busca de transcendência, justamente para não se tornar uma pessoa sem horizonte, sem o desejo de mudar o mundo, de contribuir para uma sociedade melhor.

Um capítulo importante desta obra de Giussani para o tema que estamos tratando é o capítulo décimo terceiro, que fala da educação para a liberdade. Onde o autor afirma que uma educação para a liberdade é uma educação para adquirir responsabilidade. Esta educação consiste em uma educação da atenção da capacidade de aceitação. A atenção é entendida aqui como aquilo que dá conta da totalidade dos fatores e a aceitação, como uma maneira de afrontar a realidade sem pré-julgamentos.

Educar la atención y la aceptación asegura esa actitud profunda con la que debemos afrontar la realidad: abiertos de par en par, libres y sin la presunción de llamar a la realidad ante nuestro propio veredicto como jueces, es decir, sin juzgar la realidad basándonos en el prejuicio.

Por consiguiente, una educación de la libertad para que esté atenta, o sea, para que se abra conscientemente a la totalidad de los factores en juego, y para que sepa aceptar, es decir, para que abrace con franqueza lo que se presenta delante de nuestros ojos, es la cuestión fundamental para poder seguir en la vida un camino humano. (GIUSSANI, 2008, p. 182)

Esta última frase nos remonta ao que vínhamos falando sobre a necessidade de um bom Ensino Religioso para a humanização de nossos educandos e da escola, levando a educação a uma tarefa realmente sublime.

Uma educação para a liberdade se faz necessária para que a pessoa aprenda a fazer uma interpretação adequada da existência e facilitará uma postura justa diante da realidade. Além disso, esta educação para a liberdade deve “ser una educación para responder a la provocación” (p. 183), ou seja, é uma educação para ter “fome e sede”, estando atentos às inúmeras provocações que frequentemente nascem do afrontamento com a totalidade do real. Estes são aqueles que reconhecem que não sabem tudo e estão sempre em busca, insatisfeitos e esperando algo novo. Esta educação para a liberdade deve levar à escolha da positividade como ponto de partida, no sentido de ter uma atitude positiva diante da realidade, para poder assim crescer na capacidade de ter certeza, ou seja, de chegar ao conhecimento, ao aprendizado, ao amadurecimento.

A escola é também um ambiente de comunidade, geralmente o segundo que a pessoa experimenta na vida. E, sabendo que “la comunidad es una dimensión y una condición indispensable para que la semilla humana dé su fruto” (p. 188), não podemos negar a experiência religiosa na escola. Nossos alunos devem ter o direito de expressar o que sentem, pensam e vivem e também de partilhar da experiência dos seus colegas. Assim se dará um crescimento profundo e será muito mais viável promover uma cultura de respeito às diferenças, de paz, de solidariedade, tão necessária nos dias de hoje.

Não se trata de realizar uma catequese na escola, mas de ter um espaço concreto para que se possa manifestar essa experiência religiosa que todos vivem, cada um a sua maneira, mas todos vivem. A busca pelo infinito, pela aceitação, pela liberdade e o desejo de ser mais, tudo isso faz parte de uma experiência religiosa que deve ser desenvolvida e valorizada também na escola.

As contribuições de Rubem Alves para o Ensino Religioso na escola podem ser resumidas no campo do ecumenismo e da ação social.

Alves apresenta uma visão aberta do fenômeno religioso, onde não há espaço para dogmatismos e proselitismos. Sua visão da religiosidade como algo que se dá na interação entre o sujeito e o objeto permite que existam diversas formas de expressão desta religiosidade. Neste sentido, todas as expressões religiosas, sem abrir mão de suas crenças, devem se unir num esforço de compreensão e diálogo com a finalidade de realizar ações conjuntas. Isto é ecumenismo e ao mesmo tempo ação social, pois estas ações conjuntas podem tratar de sanar diversos problemas na área da pobreza, da falta de moradia, do desemprego, etc.

A religião está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir. O estudo da religião, portanto, longe de ser uma janela que se abre apenas para panoramas externos, é como um espelho em que nos vemos. Aqui a ciência da religião é também ciência de nós mesmos: sapiência, conhecimento saboroso. (Alves, 1995, p. 12)

Partindo desta reflexão de Rubem Alves, podemos perceber como a religião é importante para o ser humano neste sentido de experiência religiosa e como deve ser assim enfocada no âmbito escolar. O professor é convidado a ter uma atitude aberta, provocativa e de escuta dessas experiências, além de mostrar é claro, as experiências ocorridas ao longo da história.

O lúdico faz parte também da reflexão e da forma de expressão de Rubem Alves, e nada melhor que uma aula lúdica para envolver os alunos e ajudar a que eles realmente aprendam. O professor de religião também deve propor jogos, brincadeira, músicas e estimular a expressão artística de seus alunos através de poesias por exemplo. Essas atividades podem ajudar a tocar de modo profundo a sensibilidade deles, o que levará a uma aproximação ao símbolo e ao desejo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir este trabalho, a partir da leitura de Rubem Alves e Luigi Giussani, assim como do depoimento da professora de religião, gostaria de apontar algumas propostas que me parecem válidas para melhorarmos a prática do Ensino Religioso na escola pública.

Como vimos, o sentido religioso é parte inerente e fundamental do ser humano, mas como tudo que faz parte da pessoa, este âmbito do desejo também precisa ser tocado e estimulado, se não acaba morrendo de alguma forma. Por esta razão acredito que a escola, ao lado da família, como célula que acompanha a pessoa desde muito cedo e por boa parte da vida, deve ser um âmbito capaz de realizar esse estímulo a fim de ampliar os horizontes do desejo de cada um. A escola deve realizar um processo educativo integral, que toque todos os âmbitos do ser humano, não apenas o intelectual. Por isso a importância de disciplinas como a Educação Física na escola, por exemplo, e é claro, do Ensino Religioso, que tocará o âmbito mais profundo do desejo e do símbolo, que também precisa amadurecer e se desenvolver, mas nem sempre a família dá conta disso, especialmente nos dias de hoje, onde o indivíduo passa cada vez menos tempo junto a seu núcleo familiar e cada vez mais tempo no ambiente escolar.

Este estudo me ajudou a perceber a necessidade de formação dos docentes da disciplina de Ensino Religioso para que a proposta de um ensino plural e integral possa ser alcançada. Se o educador for bem formado, o fato de pertencer à determinada religião não atrapalhará em nada seu trabalho como vem acontecendo. Acredito que o educador dessa disciplina deve conhecer bem os temas abordados neste trabalho, e tê-los como base para o desenvolvimento de suas aulas, consciente de que ele está na sala de aula para ser um mediador capaz de conduzir seus alunos a partilharem da experiência religiosa uns dos outros, conhecendo as diferentes perspectivas que existem nesse sentido, aprendendo a valorizá-las e respeitá-las através de um diálogo aberto e atividades práticas.

A disciplina de Ensino Religioso que reconheça as diversas experiências religiosas de seus alunos e as valorize será capaz de colaborar eficazmente na formação de pessoas com valores sólidos e animadas a contribuir para a melhoria da sociedade em que vive. Esta disciplina tem muito a aportar para a vida em sociedade, suscitando o desejo de desenvolvimento do sentido religioso nos estudantes. A respeito disso, posso citar o professor Reuber Scofano, que em sua Tese de Mestrado afirmava que:

O homem religioso é um homem que tem esperança. No entanto, esta esperança é acompanhada da ação e não da passividade. A esperança não é o aguardar resignado, pois isto seria alienação. Ela é o viver entre aquilo que é e o que ainda não é. Por causa disso, o homem espera e trabalha para que o ainda-não aconteça. Ele espera, mas vai preparando sua vida para o que há de vir, planejando e fazendo projetos que iluminam sua realidade concreta. Este crer no ainda-não faz-nos relacionar a esperança ao sentimento de coragem.

O homem religioso é uma pessoa determinada porque tem onde se apoiar e para onde orientar sua vida. (SCOFANO, 1994, p. 59)

Esta afirmação está em consonância com o que vimos em Giussani e Alves ao longo deste trabalho e que serve de fundamentação para apoiarmos a permanência desta disciplina no currículo escolar. Como já foi dito na Introdução, o problema maior está na metodologia empregada. Não podemos fechar uma escola pública e laica numa única religião, seja ela qual for, precisamos formar docentes nesta área abertos e capazes de dialogar com as diversas expressões que a experiência religiosa tão rica do ser humano constrói.

Mas não adianta falar em um professor de religião que seja neutral. Acredito que este professor para ensinar religião precisa viver sua experiência religiosa, e se ele quer agir com abertura e sinceridade em sua prática educativa, usará de critério e sem proselitismos, é claro, mas a neutralidade seria impossível e até mesmo uma máscara prejudicial. Acredito que este professor deva ser uma pessoa aberta e comprometida com o seu papel em sala de aula, de ajudar os estudantes a pensar com autonomia e desenvolver o sentido crítico, e não a seguir uma verdade já pronta.

Seguindo a linha do que disse Giussani a respeito da importância da dimensão comunitária na vida da pessoa, considero que a comunidade é muito importante para fortalecer o estudante em seu processo de aprendizagem. Especialmente a comunidade escolar, que gera vínculos muito fortes, com experiências que passam por descobertas e desafios únicos que muitas vezes são levados para a vida toda.

É certo que a melhor maneira de oferecer esta disciplina na escola pública é de forma facultativa, mas me parece importante que os alunos desta disciplina sejam avaliados de alguma forma e sua avaliação conste no boletim dos alunos. Esta é uma maneira de ajudar que esta disciplina seja levada mais a sério pelos estudantes e seus responsáveis, e para que seja dada a sua devida importância dentro do currículo escolar. Se a metodologia utilizada estiver de acordo com os princípios de liberdade de expressão, ecumenismo, diálogo e

principalmente levar em conta a experiência religiosa de cada estudante, com certeza atrairá o interesse de muitos alunos. Esta é uma disciplina, diria, muito pessoal, devemos partir então dos estudantes para saber que conteúdos aplicar e a melhor metodologia a ser utilizada.

Numa turma com membros de diversas religiões a proposta pedagógica pode ser muito interessante: que cada aluno apresente sua maneira de viver a espiritualidade, contando ou aplicando algum tipo de vivência que seja possível dentro de um ambiente diversificado. Esta seria uma maneira bastante ecumênica de fazer com que os alunos aprendam sobre as diferentes manifestações religiosas que existem, seus aportes para a cultura do nosso país, seus valores e desafios. Além do mais, seriam com certeza ocasiões muito bonitas para conhecerem um pouco mais os seus companheiros. Havendo interesse maior da turma por algumas das religiões retratadas, o professor poderia ampliar a temática para outras ocasiões ou pedir para que eles pesquisem sobre o tema e realizem um trabalho. Em meio a tantas diferenças, estimulando perguntas, pesquisas e diálogos, os estudantes com certeza irão aprender o que realmente significa o respeito ao outro, que pensa e vive de maneira diferente deles.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem A. **O que é Religião**. 19ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1995.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

\_\_\_\_\_. **Constituição Federal de 1988**. Brasília, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1996.

GIUSSANI, Luigi. **El Sentido Religioso** – curso básico de cristianismo volumen I. 2ª Ed. Peruana. Lima: Fondo Editorial UCSS, 2008.

JUNIOR, Gonçalo. **É uma pena não viver** – Uma biografia de Rubem Alves. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.

SCOFANO, Reuber Gerbassi. **Subsídios para a Educação Ética Política do Jovem Mediante a Consciência do Sagrado**. Rio de Janeiro, 1994.

## ANEXO

### Depoimento da Professora de Religião do Município do Rio de Janeiro

#### Dados Pessoais:

- Heloise Cabral Santana Lopez
- Casada
- Mestrado em Literatura Portuguesa
- Trabalho ministrando aulas de ER desde setembro de 2012
- Ingressei no município através de concurso público (matrícula de 16 horas)

#### Entrevista:

##### 1. A matrícula é facultativa?

Sim, mas no caso de menores de idade, quem escolhe se eles participarão ou não das aulas são os pais.

No município do RJ, o ensino religioso só é oferecido nos 4º e 5º anos do ensino fundamental (apenas 1 tempo por semana em cada turma), em escolas de turno único (na Ilha do Governador, por exemplo, só existem 6).

##### 2. O ensino é confessional?

Sim. Existem 3 credos oferecidos (teoricamente): Católico, Cristão protestante e Afro.

##### 3. Quantos professores existem na escola? São de religiões específicas?

Nas escolas onde trabalho (são duas), só tem eu de ER. Antes havia uma professora protestante, mas pediu exoneração, pois passou num concurso em Niterói (onde mora).

##### 4. Como são as aulas? O mais específico possível: quantos alunos, metodologia, interesse dos alunos, provas, trabalhos...

Assim que tomamos posse, tínhamos reuniões regulares promovidas pela SEEDUC onde montamos o Currículo Mínimo do ER com suas diferenças entre os 3 credos (mas a base é a mesma).



Não há uma catequese, o ensino é sempre voltado para a ideia de sermos pessoas melhores no mundo em que vivemos. Mas temos como base, a bíblia, os nossos documentos e toda a tradição católica.

Não há provas, não há notas, o ensino é facultativo e nem aparece no boletim do aluno.

Em média, metade da turma participa das aulas (15 a 18 alunos), a outra metade permanece em sala com a professora regente. Tenho uma sala específica para ministrar minhas aulas (hoje em dia, porque já tive que dar aula no pátio, no refeitório, etc).

Sempre busco levar uma dinâmica, ou uma música, ou trabalhos mais lúdicos para que o aluno se interesse minimamente pelas aulas, tem dado certo.

**5. Se o ensino for confessional, como se faz com os que não são dessa religião que assistem às aulas?**

A partir do momento que os pais autorizam o aluno, sabendo que o ensino é confessional, não há diferenças na classe. Todos participam da mesma forma. Caso os pais não autorizem, o aluno permanece com a sua professora regente em sala, onde deve aprender sobre cidadania.

**6. Qual é sua opinião sobre o Ensino Religioso na Escola Pública? Como deveria ser ministrado?**

Acho que tenho desenvolvido um bom trabalho, colho frutos em sala de aula, mas acho que deveria sempre ser oferecido os 3 credos em todas as escolas, muitos professores passaram e não foram chamados para tomar posse. Só houve o concurso em que entrei, nunca mais foi feito outro e nem há previsão. Muitos colegas de profissão são contra esse tipo de ensino em escolas públicas, o que inicialmente dificultou bastante o meu trabalho, mas, graças a Deus, hoje consegui conquistar o meu lugar ao sol e muitos viram a importância do ER nas escolas.